

MULHERES PROIBIDAS OU MASCULINIZADAS

FORBIDDEN WOMEN OR MANNISH

Dr. João Pedro Gonçalves Araújo¹

RESUMO

O artigo apresenta uma discussão sobre a presença e o papel das mulheres nas igrejas protestantes a partir do trabalho de duas missionárias norte-americanas no final do século XIX e início do XX. Cercadas de relatos truncados, sexos trocados, e, portanto, envolvidas em lutas de gênero, duas missionárias norte-americanas, Mary Wilcox e Bertha Stenger, passaram pouco tempo no Brasil. Ao que se saiba, além de cooperar com uma igreja batista, queriam também se dedicar ao trabalho educacional fundando uma escola religiosa na recém-criada Belo Horizonte, capital de Minas Gerais.

Tinham, contudo, a oposição de um pastor brasileiro, ainda que tivessem um protetor de peso - o missionário pioneiro dos batistas, William Bagby, que, movido mais por necessidades familiares que estratégicas, tinha interesse na fundação de escolas para seus filhos crianças. A oposição de Belo Horizonte as tirou de lá e as levou para a proteção e companhia de Bagby em São Paulo. Com tudo isso, no entanto, tiveram que sair do Brasil e acabaram sendo desligadas do quadro de missionários de Richmond.

Palavras-chaves: Mulheres. Missionárias. Batistas. Poder. Educação.

¹O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Brasília (FTBB), Bacharel em Filosofia pela UnB, Mestre em Ciências da Religião pela UMEESP, Doutor em Sociologia pela UnB e Pós-Doutor pela PUC/GO. Está associado ao corpo docente da Faculdade Teológica Batista de Brasília. E-mail: profarau@gmail.com

ABSTRACT

The article presents a discussion about the presence and role of women in Protestant churches since the work of two American missionaries in the late nineteenth and early twentieth centuries. Surrounded by truncated reports, exchanged gender, and therefore involved in gender struggles, Mary Wilcox and Bertha Stenger spent little time in Brazil. Of what is known, in addition to cooperating with a Baptist church, they also wanted to devote themselves to educational work by founding a religious school in the newly created Belo Horizonte, capital of Minas Gerais. They were, however, opposed by a Brazilian pastor, although they had an important help of William Bagby, a Baptist pioneer missionary, interested in the founding of schools for his children, moved more by family needs than strategic ones. The Belo Horizonte opposition took them away and brought them to the protection and company of Bagby in São Paulo. With all that, they still had to leave Brazil and were eventually shut off of the Richmond staff of missionaries.

Keywords: Women. Missionaries. Baptists. Power. Education.

A QUESTÃO

O tema dessas duas missionárias me chamou a atenção durante minhas leituras para o programa de Pós-Doutorado. Meu interesse em trazê-lo aqui é, dentre outros, mostrar que a questão da mulher numa igreja protestante, especialmente a batista, não vem do final do século XX: é praticamente coexistente à presença desse grupo no Brasil. Ele se tornou especial para mim e gostaria de aprofundá-lo no futuro. Ao mesmo tempo, ele se apresenta como que um material oferecido para alguma pesquisa que porventura revele algum interesse a outros pesquisadores.

Ainda que se trate de um episódio acontecido no final do século XIX, de certa forma, seu conteúdo está bem presente nas discussões atuais. Tal acontecimento está cercado de alguns pontos misteriosos sobre a presença, trabalho, saída e exoneração de duas missionárias norte-americanas na recém-criada Belo Horizonte. Vejamos.

Nos perguntamos o que realmente teria acontecido com as missionárias Bertha Stenger e Mary Wilcox. Começamos com a citação do autor e missionário batista Crabtree. Essa citação é aparentemente simples e o registro parece ter sido apenas uma decisão administrativa da Missão. No entanto, quando se vê que diversos autores, inclusive não batistas, se ocuparam do tema, notamos que este não parece

ser tão simples assim: “No anno de 1900 houve diversas mudanças no pessoal do campo. Miss Bertha Stenger e Miss Mary B. Wilcox voltaram aos EE.UU. e foram exoneradas do serviço missionario”.²

A exoneração de um missionário não se dava por pequena coisa ou à toa, por capricho. Deveria acontecer algo grave para que se exonerasse alguém do quadro de missionários da Junta missionária dos batistas sediada em Richmond, EUA. Nesse caso específico, tratou-se de uma exoneração dupla. Essas duas missionárias eram solteiras e constavam entre as primeiras mulheres missionárias que chegaram ao Brasil. Parece que estavam diretamente voltadas para o trabalho educacional. O autor batista Crabtree, autor do primeiro livro da história dos batistas no Brasil, apenas informa que houve “diversas mudanças no pessoal do campo”. Nenhuma explicação a mais. Aparentemente, sua informação supõe que as duas missionárias não eram totalmente desconhecidas de uma parte de seus leitores na primeira metade do século vinte.

A saída das duas missionárias se mostra estranha quando se examina um escrito do missionário pioneiro William Bagby em 1898. Parece que a igreja de Belo Horizonte passava por alguma dificuldade, pois só assim se justificaria o escrito e a passagem de Bagby por ali. Os missionários eram muito ocupados. A visita a um local de um deles - e principalmente Bagby - só se justificaria se houvesse algum problema grave a ser resolvido. Eis o escrito de Bagby:

Miss Wilcox e Miss Stenger são trabalhadoras consagradas, promptas para toda a boa obra. Estão alegres em ver completada a sua nova casa que servirá para residencia e collegio. Miss Wilcox forneceu o dinheiro para a construcção deste lindo e confortavel edificio. Essas duas moças christãs farão um optimo serviço na educação e evangelização, se puderem ficar em Bello Horizonte.³

Pela citação acima, percebe-se que elas ajudavam em vários afazeres da igreja. Estavam trabalhando na edificação de um prédio que serviria para moradia e futura escola. Na verdade, foram Wilcox e Stenger que deram início ao futuro Colégio Batista de Belo Horizonte. Começaram uma escola protestante, no final do século dezenove, só por iniciativa pessoal, com o dinheiro do próprio bolso do missionário-educador ou de um brasileiro. A Missão de Richmond não entendia a educação como algo importante; portanto, não ajudava na criação de escolas.

² CRABTREE, Asa R. *História dos baptistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937. p. 169.

³ CRABTREE, 1937, p. 170.

Sabemos, pelo relato de Bagby, que Wilcox forneceu os recursos necessários para deixar em um ponto aceitável o início do colégio. No entanto, parece haver já alguma discordância da presença ou trabalho das duas missionárias naquela cidade, visto que Bagby advogava a permanência das duas no Brasil, visto que “são trabalhadoras consagradas”, estão “alegres” e seria um ganho se pudessem “ficar em Bello Horizonte”. Bagby, porém, não informa ao seu leitor o que estava acontecendo com as duas ou se outras pessoas estavam envolvidas no episódio.

Houve, contudo, algo que fez com que não ficassem em Belo Horizonte. Tudo leva a crer que, já naquele ano, havia uma possibilidade de serem retiradas dali. Estariam fazendo algo alheio ou contra a vontade de Richmond, contra o pastor brasileiro ou contra a igreja batista da cidade? Para Bagby, não. Ainda assim, foram retiradas dessa cidade de qualquer forma, pois aparecem dois anos depois em São Paulo, ajudando o mesmo missionário Bagby em 1900. É provável que Bagby tenha tomado para si a responsabilidade de cuidar ou trabalhar com elas.

As próximas citações sobre Wilcox e Stenger no livro de Crabtree dão conta de que haviam voltado para os Estados Unidos e que tinham sido exoneradas da Missão de Richmond. Nenhuma obra que esse autor conheça dedicada à história dos batistas no Brasil⁴ ou da educação protestante em nossas terras⁵ vai mais longe em termos de informações acerca dessas duas missionárias do que temos citado até aqui.

O livro de Rafael Souza, *Das trilhas de Minas para a estrada real*, dedicado a estudar as igrejas batistas no Estado de Minas Gerais, chegado a mim tardiamente, não ajuda muito a entender a passagem das duas missionárias por Belo Horizonte. Segundo Souza, chegaram ao Brasil em fins de 1895 e passaram algum tempo morando com o missionário William Bagby. Mudaram-se para a cidade de Belo Horizonte em 1897. Mas este autor, preocupado em fazer uma narrativa elogiosa e apologética, não explica os desencontros que, parece, logo começaram entre o pastor brasileiro J. J. Alves e as duas missionárias.⁶

⁴ OLIVEIRA, Betty A. de. *Centelha em restolho seco*: uma contribuição para os primórdios do trabalho batista no Brasil. São Paulo: Vida Nova: Edição da autora, 2005; SILVA, Elizete da. Os batistas no Brasil. In: SILVA, Elizete; SANTOS, Lyndon A. dos; ALMEIDA, Vasni de (Orgs.). *“Fiel é a Palavra”*: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: UEFS, 2011; SANTOS, Jorge Pinheiro dos; SANTOS, Marcelo dos (Orgs.). *Os batistas*: controvérsias e vocação para a intolerância. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

⁵ MACHADO, José Nemésio. *Educação batista no Brasil*: uma análise complexa. São Paulo: Colégio Batista Brasileiro, 1999; SILVA, Cleni da. *Educação batista*: análise de sua implantação no Brasil. Rio de Janeiro: JUERP, 2004.

⁶ SOUZA, Rafael Rodrigo R. *Das trilhas de Minas para a estrada real*: um panorama histórico da Convenção Batista Mineira. Rio de Janeiro: Convicção, 2008. p. 31.

A saída das duas missionárias foi explicada como constando de “dificuldades financeiras” e devido à “enfermidade de Stenger”, pois esta havia contraído “febre tifóide”. Quanto à relação com o pastor J. J. Alves, Rafael Souza apenas grifa que houve “litígios” entre eles. Só. Era de se esperar que Souza nos ajudasse. Ele pesquisou atas e documentos dos batistas mineiros, mas ficou apenas em um parágrafo de seu livro.

O silêncio, no entanto, é bem característico e pode ser elucidativo, revelador. Não é de crer que faltassem informações aos autores sobre a saída das duas. O livro de Betty Antunes de Oliveira, *Centelha em restolho seco*,⁷ cita mais de mil e cem nomes de norte-americanos e europeus vindos ao Brasil, dentre residentes, missionários e comerciantes, além de notas cartoriais, registro civil de casamentos, nascimentos e mortes. É o livro mais documentalmente completo que conhecemos na historiografia batista. No entanto, não há nem mesmo uma referência às missionárias Wilcox e Stenger.

Vejamos outro autor, Mário Ribeiro Martins. Em seu livro *Missionários americanos*,⁸ Martins escreveu sobre biografias de mais de cinquenta missionários batistas no Brasil. Muitos deles, chegados no século dezenove. Contudo, também não escreve qualquer nota acerca das duas missionárias.

Em casos semelhantes, o pesquisador tem que montar um quebra-cabeça para achar alguma pista entre outros autores. José Nemésio Machado, em seu livro sobre a contribuição dos batistas à educação brasileira - *Dissertação de Mestrado* - escreveu: “Em Belo Horizonte, em 1898, duas jovens americanas, às próprias expensas, organizaram uma escola e a viram prosperar, até que um grupo muito grande de operários transferiu-se da cidade; por isso, a escola tornou-se inviável”.⁹ Para Machado, a mudança dos operários e não as dificuldades econômicas, doença ou “litígio” entre um brasileiro e as missionárias tornou a escola inviável.

Cleni da Silva, que também escreveu um livro como fruto da pesquisa de mestrado, registrou que em 1898 “as missionárias Berta Stenger e Mary Wilcox abriram uma escola em Belo Horizonte [...], esta iniciativa teria pouca duração, uma vez que as missionárias foram transferidas para São Paulo, um ano depois, para ajudar na fundação de uma igreja”.¹⁰ Cleni da Silva escreve simplesmente que a transferência

⁷ OLIVEIRA, 2005.

⁸ MARTINS, Mário Ribeiro. *Missionários americanos e outras figuras do Brasil evangélico*. Goiânia: Kelps, 2007.

⁹ MACHADO, José Nemésio. *A contribuição batista para a educação brasileira*. Rio de Janeiro: JUERP, 1994. p. 56.

¹⁰ SILVA, 2004, p. 71.

das missionárias de Belo Horizonte para ajudar na criação de outra igreja batista em São Paulo foi o motivo de se encerrar as atividades daquela escola.

O que faziam e o que queriam fazer, além da transferência para São Paulo, são temas obscuros quando o assunto é Stenger e Wilcox. Mas as obscuridades não param por aí. Segundo o missionário norte-americano David Mein, no seu livro *O que Deus tem feito*, Bertha Stenger e Mary B. Wilcox chegaram ao Brasil em 1898 e daqui saíram em 1900. A cronologia da presença das duas missionárias no Brasil, no entanto, é contraditória. Como já vimos acima, Rafael Souza escreve que as duas chegaram no fim de 1895. Essa é a data que Betty Antunes de Oliveira (2015), conhece e cita para a chegada das duas. Em outras palavras, nada menos que três anos de diferença em relação à data oficial dos batistas, oferecida por Mein. O livro de Mein foi escrito como uma atividade comemorativa pelo “centenário” dos batistas no Brasil.¹¹

Outro fato que chama ainda mais a atenção é o pequeno livro de Sarah Gill Maddox.¹² Ao contar a história do Colégio Batista Mineiro, Sarah Maddox coloca a ênfase e atribui a iniciativa de sua criação não às duas missionárias, mas em Ephigênia Maddox, esposa do missionário Maddox e sogra da autora. Nenhuma referência ao colégio de Stenger e Wilcox. Assim, para Sarah Maddox, o colégio teve início em 1918. Ou seja, não há nesse pequeno livro qualquer relato ou referência à “construção deste lindo e confortável edifício” conforme Crabtree escreveu, nem qualquer menção aos esforços e edificação das duas missionárias cerca de vinte anos antes do casal Maddox.

O título do livro de Sarah Maddox, *A história de Ephigênia Roe Maddox: fundadora do Colégio Batista Mineiro*,¹³ parece ser uma reivindicação tardia e final de quem deve ser ou ficar para a história como a verdadeira fundadora desse Colégio. Aparentemente, tudo foi esquecido e a narrativa oficial dos batistas é feita como se nada houvesse sido feito antes pelas duas missionárias. O casal Maddox começou a escola em sua casa com 13 alunos, e alguns anos mais tarde, junto com o missionário J. R. Allen,

¹¹ MEIN, David (Coord.). *O que Deus tem feito*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p. 349, Apêndice I.

¹² MADDUX, Sarah G. *A história de Efigênia Maddox, a fundadora do Colégio Batista Mineiro*. Mississippi: 1ª Igreja Batista de Picayuna, 1950. p. 18.

¹³ Pelo título original do livro, *The story of Effie Roe Maddox*, e a data da sua publicação, 1950, não tinha conotações com o Colégio Batista Mineiro, pois foi uma biografia escrita pela nora do casal de missionários. O livro, no entanto, foi traduzido no Brasil em 2008, quando foram comemorados os 90 anos daquela escola. O subtítulo em português parece evocar, reivindicar e reforçar a história a partir do casal de missionários. Sendo uma edição de aniversário, há uma palavra do filho caçula do casal, David Maddox, concitando o leitor à fidelidade dos seus pais e chamando as pessoas responsáveis pelo Colégio a voltar aos princípios assentados por seus pais.

pediu à Missão em Richmond o dinheiro para a compra do terreno em dezembro de 1925 - nesse tempo, a Junta de Richmond investia muito dinheiro em escolas no Brasil. Um dos prédios dessa escola leva o nome de Ephigênia Maddox, em homenagem à esposa do missionário.

Richardson, outro autor e missionário a tratar do surgimento das escolas batistas de iniciativas pessoais - primeiro período do estabelecimento das escolas batistas no Brasil - rapidamente faz menção dessas duas missionárias. Contudo, praticamente nada mais faz que uma apropriação da citação de Crabtree, que já fizemos alusão acima.

No ano de 1898 fundaram-se duas escolas batistas, uma em Belo Horizonte, Minas Gerais, e a outra em Salvador, Bahia. A escola em Belo Horizonte foi fundada por duas jovens americanas que, às suas próprias despesas, resolveram cooperar com a instrução do povo brasileiro na então nascente cidade. A escola cresceu muito enquanto a cidade de Belo Horizonte prosperava. Com a mudança de centenas de operários, a escola ficou prejudicada e encerrou suas atividades.¹⁴

Pela citação, tal fato parece ficar ainda mais enigmático. Aparentemente, as “duas jovens” tomaram a decisão de criar uma escola. Até aí, nenhum problema, visto que todos os colégios até então tinham começado com disposição e dinheiro de um missionário fundador. O autor escreve que elas “resolveram cooperar com a instrução do povo brasileiro” como se essa decisão tivesse sido à revelia da Missão e quase não dá para perceber que eram missionárias. Só ficamos sabendo por Crabtree que eram da Missão porque foram exoneradas. Finalmente, depois de escrever sobre o crescimento da escola, Richardson afirma que os operários mudaram e a escola ficou prejudicada.

A informação de Richardson, no entanto, não ajuda a resolver a questão. Ao contrário, leva o leitor a pensar ainda mais. Belo Horizonte tinha 10 mil habitantes quando foi inaugurada, em dezembro de 1897. Depois de sua inauguração, continuou num crescimento acelerado e não parou mais. Assim, a necessidade de uma escola era ainda mais urgente, o que ficou patente 20 anos depois com a família Maddox. Além disso, certamente a mudança ou saída dos operários não justificava o fim da escola. Maior era o número dos que chegavam do que os que saíam.

Um pouco de luz para se entender a saída das missionárias de Belo Horizonte

¹⁴ RICHARDSON, William L. C. Educação. In: MEIN, John (Coord.). *O que Deus tem feito*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p. 83-84.

é lançada por José dos Reis Pereira. Esse autor cita as duas jovens em 1899 como fundadoras da Primeira Igreja Batista em São Paulo, depois de explicar que estavam nesta cidade por motivo de remanejamento de missionários pela Missão de Richmond. Remanejamento. Reis Pereira atribui a mudança das missionárias como vinda “do alto”, dos Estados Unidos, de Richmond. Mas para aí. Reis Pereira completa o seu relato dando uma pista do que realmente poderia haver acontecido, sem, contudo, entrar em detalhes sobre um desentendimento ocorrido entre elas e o pastor brasileiro José Alves:

As duas missionárias tinham tido o propósito de estabelecer um colégio em Belo Horizonte, sendo que Mary Wilcox até proveu os fundos para a construção de uma casa, que serviria de residência e colégio. Desentendimentos com o Pastor José Alves as levaram a deixar Minas e ir cooperar na fundação da igreja paulista.¹⁵

Mais à frente, José dos Reis Pereira escreve que o colégio de Belo Horizonte começou com “tanta animação”, mas que “foi de pouca duração”.¹⁶ O desentendimento com o pastor brasileiro poderia ter sido resolvido com a simples mudança para São Paulo, como de fato aconteceu com as duas missionárias. Foram trabalhar com quem lhes apoiava, o pastor Bagby. No entanto, depois de terem mudado de cidade e ido a São Paulo... foram exoneradas da Missão. Parece que o problema originário ou originado em Belo Horizonte as alcançou em São Paulo.

Certamente algo aconteceu em Belo Horizonte que os historiadores batistas preferiram guardar silêncio. Segundo Reis Pereira, diversos desentendimentos aconteceram na igreja batista em Belo Horizonte. Isso fez com que essa igreja tivesse pouca duração, vindo a fechar. Alguns anos depois, foi reaberta.

A Primeira Igreja de Belo Horizonte foi organizada em fevereiro de 1897, por Bagby e Taylor, ficando como pastor José Alves, que havia sido consagrado por Bagby, no Rio. Participaram da organização duas jovens missionárias, Berta Stenger e Mary Wilcox. Por circunstâncias várias, essa igreja veio também a fechar-se, vindo sua reorganização a ocorrer anos mais tarde.¹⁷

Reis Pereira explica que houve um remanejamento de missionários em 1899, indo para São Paulo os missionários J. J. Taylor, J. L. Downing e “as jovens Stenger e Wilcox”. Segundo esse autor, foi depois dos desentendimentos com o pastor

¹⁵ PEREIRA, José dos R. *História dos batistas no Brasil (1882-1982)*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p. 68.

¹⁶ PEREIRA, 1982, p. 290.

¹⁷ PEREIRA, 1982, p. 68.

brasileiro José Alves que elas partiram para São Paulo e ajudaram a fundar a Primeira Igreja Batista naquela cidade.

Outra forma de ver a situação é pela ótica do pesquisador e professor francês Émile-G. Léonard. Léonard, que não é batista nem norte-americano, escreveu a história do protestantismo no Brasil a partir de outra perspectiva. Émile Léonard escreveu que José Alves veio de outra denominação e parece que não nutria muita simpatia por missionários norte-americanos. Ainda que o autor use o masculino (problemas com a tradução para o português?) para tratar do evento, certamente Wilcox e Stenger são centrais na sua narrativa. Ao final, José Alves também saiu da denominação e voltou ao seu grupo originário.¹⁸

Léonard concentrou-se em escrever sobre diversos focos de resistência nas igrejas batistas em relação aos missionários. Problemas de nacionalismo exacerbado - a República era recente no Brasil e empolgava a muitos - ou revoluções antiautoritárias que aconteciam em diversas cidades brasileiras acabavam refletindo nas estruturas internas das igrejas batistas.

Ao mesmo tempo, a Igreja Batista de Belo Horizonte se agitava em torno de uma questão muito semelhante. Fora criada, em 1897, pelo pastor José Alves, vindo de outra denominação e que aí trabalhou com exemplar devoção batizando numerosos adeptos. Desentendeu-se, entretanto, com dois jovens missionários americanos que haviam fundado, na mesma cidade, um colégio batista. A questão terminou, após grandes discussões na comunidade, pela saída dos adversários que, abandonando Belo Horizonte, vieram para São Paulo de onde regressaram aos Estados Unidos, e pela volta de José Alves à sua denominação primitiva.¹⁹

Ainda que Richardson dê a presença das duas missionárias como pertencendo à Junta de Richmond em 1898, podemos supor que elas tenham sido acrescidas ao quadro de missionários dessa Junta nesse ano, pois já tinham chegado ao Brasil alguns anos antes e, como todo missionário, passado algum tempo no aprendizado da língua e só então começado a ajudar o trabalho dos batistas.²⁰ Podemos supor, também, que chegaram pertencendo a outra Missão, ou como missionárias independentes. Casos assim poderiam acontecer: quando uma família tinha posses, um missionário poderia vir ao Brasil às suas próprias expensas.

¹⁸ LÉONARD, Émile-G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social*. Rio de Janeiro: JUERP; São Paulo: ASTE, 1981. p. 168.

¹⁹ LÉONARD, 1981, p. 168.

²⁰ RICHARDSON, 1982.

Sobre a chegada anterior a 1898, além de Rafael Souza, Éder Aguiar Mendes de Oliveira (2015)²¹ ajuda também a entender um pouco a cronologia das missionárias. Vieram, como muitos outros, na categoria de missionários independentes, sem ligações econômicas e trabalhistas com a Missão de Richmond. Ficam, contudo, obscuros, os motivos reais da saída dessas missionárias de Belo Horizonte, a ida para São Paulo, a volta para os Estados Unidos e o desligamento de Richmond.

TENTATIVAS DE EXPLICAÇÃO

Diante das citações e provocações acima, quais poderiam ser as respostas possíveis para a não permanência das duas missionárias em Belo Horizonte, São Paulo e no quadro dos missionários da Junta de Richmond? O que realmente aconteceu para o fato de nem mesmo a proteção de alguém forte na denominação, como Bagby, segurá-las em Belo Horizonte ou consigo em São Paulo? Só podemos aventar algumas possibilidades ou hipóteses.

Dentre algumas das diversas possibilidades podemos citar: saúde, condições financeiras da Missão e até o fato dessas missionárias não serem sulistas - os missionários da Junta de Richmond pertenciam aos Estados do Sul dos Estados Unidos, daí também um dos nomes da Missão de Richmond. Essas condições são perfeitamente explicáveis. Não, contudo, na situação das duas missionárias.

Pelo relato feito pelo missionário Bagby, elas já tinham suas presenças ameaçadas no Brasil em 1898 em Belo Horizonte, daí ele ter escrito: “Essas duas moças cristãs farão um ótimo serviço na educação e evangelização, se puderem ficar em Belo Horizonte”. Uma ressalva a ser feita no escrito de Bagby é que, como homem, deseja que o trabalho do missionário se restrinja à evangelização. Só mais tarde a educação passou a ser considerada um trabalho feminino e o colégio como um instrumento aliado à evangelização.

Também sabemos que não foram as condições econômicas e a saída de operários depois da inauguração da cidade que precipitaram a saída de Stenger e Wilcox. Belo Horizonte continuou crescendo em ritmo acelerado depois de sua inauguração. Além disso, a escola atendia às crianças das famílias com condições de pagar suas mensalidades, ainda que não rejeitassem aquelas egressas das

²¹ Elas chegaram ao Brasil em 1895 e aprenderam a língua com o casal Bagby, na companhia de quem ficaram até meados de 1897. OLIVEIRA, Éder Aparecido M. de. Experiências das missionárias norte-americanas na implantação do projeto educacional batista em Belo Horizonte/Minas Gerais (1897-1920). In: *Anais dos simpósios da ABHR*, v. 14 (2015). Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/1006/848>>. Acesso em: 03 nov. 2015, às 15h40.

classes mais baixas. Assim, a escola seria sustentada com as mensalidades pagas pelas famílias mais abastadas da cidade e não dependia, necessariamente, dos filhos dos operários.

Nossa hipótese inicial é que os desentendimentos com o pastor José Alves podem ter funcionado como os principais motivos da saída e desligamento de Wilcox e Stenger da Missão de Richmond. José Alves viera de outra denominação, para onde retornou também depois desses desentendimentos. A igreja de Belo Horizonte também sofreu com as intrigas internas a ponto de vir a fechar suas atividades por algum tempo. Se tais intrigas foram as únicas ou as geradoras de tudo, não sabemos.

Sabemos que nesse tempo o nacionalismo era muito forte entre os brasileiros. Revoltas civis e xenófobas aconteceram em várias localidades onde os missionários tinham fundado suas igrejas. A República recém-inaugurada ajudou a exacerbar algumas rebeliões de brasileiros contra os missionários no interior das denominações protestantes - metodistas, presbiterianos e batistas. Os presbiterianos se dividiram em 1903 por causa desse nacionalismo, o mesmo acontecendo na Bahia e Maceió entre os batistas.

Até o final do século dezenove e a primeira década do século vinte, sabemos também que a educação não tinha a simpatia de diversos missionários, de pastores e fiéis brasileiros e menos ainda da sede da Missão em Richmond, nos Estados Unidos. Tal fato pode ter sido um dos fatores geradores das discórdias entre o pastor José Alves, a igreja batista em Belo Horizonte e as missionárias. A mudança dos missionários de um lugar para outro não obedecia apenas a uma questão de oportunidades evangelísticas, mas seguia uma lógica de evitação de conflitos com brasileiros no interior de suas igrejas e com as autoridades civis brasileiras.

Como demonstrei em meu livro *Histórias, ideias e pensamentos batistas* (2015),²² os batistas chegaram ao Brasil impondo às mulheres muitas restrições quanto à participação e ao trabalho delas no contexto de suas igrejas. Bagby mesmo proibiu, em Salvador, que as mulheres falassem na igreja. Duas jovens missionárias, solteiras, com dinheiro, querendo fundar uma escola e dando dinheiro para a fundação da escola e não para o evangelismo era contrariar duplamente a ideologia dos batistas naquele tempo.

Fundar uma escola e ensinar a futura geração a pensar e ser independente

²² ARAÚJO, João P. G. *Histórias, ideias e pensamentos batistas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

poderiam dar muita visibilidade e status, competindo assim com a função e presença masculina na igreja. A depender do sucesso do empreendimento, como já vimos, as duas missionárias poderiam ter maior reconhecimento que o homem pastor José Alves, algo impensável para aquele tempo. Como também já demonstrei em *Batistas: dominação e dependência* (2015),²³ os brasileiros seguiram bem de perto - salvo raras exceções - as práticas que aprenderam dos missionários. Tais práticas poderiam até fazer sentido na cultura dos missionários; aqui, contudo, foram aceitas pacífica e acriticamente.

Os batistas usam a história e a tradição como meios estabelecedores de suas doutrinas e práticas, muito embora achem aqui ou ali textos bíblicos que usam como argumentos de base de suas crenças. A questão da mulher é uma das práticas batistas que mais apelam para a tradição. Tal ponto aparece aqui, reafirmo, apenas como possibilidade, hipótese, não como explicação final.

Talvez a explicação da saída das missionárias esteja na junção de todos esses fatores acima. Talvez não tenhamos uma única explicação, mas várias funcionando em conjunto. Certamente, não podemos descartar nenhuma delas por enquanto. É certo também que os primeiros historiadores batistas sabiam dos verdadeiros motivos, principalmente Crabtree e Mesquita dada a proximidade temporal entre seus escritos e os acontecidos. Os historiadores que lhes seguiram somente reproduziram o relato que ficou registrado como oficial e que se tornou oficializante.

Também não está claro por que as missionárias, tendo que sair de Belo Horizonte, não puderam ficar em São Paulo e, além disso, foram desligadas do quadro de missionários da Junta de Richmond, nos Estados Unidos. Não fica claro por que os relatos sobre as duas missionárias tomaram formas masculinas nos escritos do autor europeu Léonard. Não sabemos quais as fontes que lhe chegaram às mãos nem se houve um erro de tradução do original francês para o português, mas é difícil pensar em acontecer numa tradução confundir termos como “duas missionárias” e traduzir “dois missionários”, ainda que seja possível tal confusão entre os termos “americano” e “americana”.

Por fim, a contar o ano da escrita deste texto, mais de cento e quinze anos depois, temos mais perguntas que respostas para entendermos o que aconteceu com Bertha Stenger e Mary Wilcox. O desafio continua e está lançado.

²³ARAÚJO, João P. G. *Batistas: dominação e dependência*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, João P. G. As mulheres estejam caladas. *Revista Fragmentos de cultura*, Goiânia (PUC/GO), v. 22, n. 4, p. 199-213, 2012.
- _____. *Educação e conversão religiosa*. Curitiba: Appris, 2014.
- _____. *Histórias, ideias e pensamentos batistas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- _____. *Eles eram tudo: a dependência dos batistas brasileiros aos missionários norte-americanos*. Paper (Pós-Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015. Orientação de Eduardo Quadros.
- _____. *Batistas: dominação e dependência*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- CRABTREE, Asa R. *História dos batistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937.
- LÉONARD, Émile-G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social*. Rio de Janeiro: JUERP; São Paulo: ASTE, 1981.
- MACHADO, José Nemésio. *A contribuição batista para a educação brasileira*. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.
- _____. *Educação batista no Brasil: uma análise complexa*. São Paulo: Colégio Batista Brasileiro, 1999.
- MADDOX, Sarah G. *A história de Efigênia Maddox, a fundadora do Colégio Batista Mineiro*. Mississipi: 1ª Igreja Batista de Picayuna, 1950.
- MARTINS, Mário Ribeiro. *Missionários americanos e outras figuras do Brasil evangélico*. Goiânia: Kelps, 2007.
- MEIN, David (Coord.). *O que Deus tem feito*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

MESQUITA, Antonio N. de. **História dos batistas do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940.

OLIVEIRA, Betty A. de. **Centelha em restolho seco: uma contribuição para os primórdios do trabalho batista no Brasil**. São Paulo: Vida Nova: Edição da autora, 2005.

OLIVEIRA, Éder Aparecido M. de. Experiências das missionárias norte-americanas na implantação do projeto educacional batista em Belo Horizonte/Minas Gerais (1897-1920). In: **Anais dos simpósios da ABHR**, v. 14 (2015). Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/1006/848>>. Acesso em: 03 nov. 2015, às 15h40min.

PEREIRA, José dos R. **História dos batistas no Brasil (1882-1982)**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

RICHARDSON, William L. C. Educação. In: MEIN, John (Coord.). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

SANTOS, Jorge Pinheiro dos; SANTOS, Marcelo dos (Orgs.). **Os batistas: controvérsias e vocação para a intolerância**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

SILVA, Cleni da. **Educação batista: análise de sua implantação no Brasil**. Rio de Janeiro: JUERP, 2004.

SILVA, Elizete da. Os batistas no Brasil. In: SILVA, Elizete; SANTOS, Lyndon A. dos; ALMEIDA, Vasni de (Orgs.). **“Fiel é a Palavra”**: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: UEFS, 2011.

SOUZA, Rafael Rodrigo R. **Das trilhas de Minas para a estrada real: um panorama histórico da Convenção Batista Mineira**. Rio de Janeiro: Convicção, 2008.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional